



Micro-Etnografia da fala e História da antropologia: Marcel Mauss

Michel Binet

► To cite this version:

Michel Binet. Micro-Etnografia da fala e História da antropologia: Marcel Mauss. 2011. hal-04497369

HAL Id: hal-04497369

<https://hal.science/hal-04497369>

Preprint submitted on 9 Mar 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Micro-Etnografia da fala e História da antropologia: Marcel Mauss**Michel G. J. Binet¹** (GIID-CLUNL)*Grupo de Investigação sobre as Interações Discursivas*

do

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

O presente subcapítulo pretende esclarecer retrospectivamente, para mim próprio e para o leitor, o seguinte facto: ao operar uma viragem conversacionalista, sob a orientação de Adriano Duarte Rodrigues, ao estreitar relações com linguístas, integrando o Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL), não passei por nenhuma crise de identidade disciplinar.

É na qualidade de socio-antropólogo que abracei a Análise da Conversação, reconhecendo nela com entusiasmo um corpo já consolidado de teorias, métodos e conhecimentos me habilitando a prosseguir as minhas pesquisas com um rigor e um alcance sem precedentes. E isso com a convicção formada e serena de não sair das fronteiras disciplinares da antropologia e da sociologia.

Tal convicção encontra as suas raízes em tradições investigativas pertencentes de pleno direito à história da antropologia e da sociologia, sobre as quais irá incidir o presente subcapítulo.

Antes de abordar as antropologia e sociologia americanas, no âmbito das quais a Análise da Conversação surgiu e continua a se desenvolver, no prolongamento de tradições investigativas fortalecidas, pretendo inscrever a Análise da Conversação nas antropologia e sociologia europeias.

À sua chegada no contexto europeu, depois de atravessar o Atlântico, a Análise da Conversação não foi reapropriada, pelo menos até uma data relativamente recente e salvo honradas exceções (Alain Coulon, Michel de Fornel, Louis Quéré, Adriano Duarte Rodrigues, nomeadamente), pelos antropólogos e sociólogos, mas sim predominantemente por linguístas, a quem pertence o mérito de terem contribuído no desenvolvimento entre nós desta abordagem analítica oriunda das sociologia e

¹ Bolseiro FCT.

antropologia americanas, e que, a este título, serão muito solicitados ao longo da presente tese.

Este subcapítulo pretende recorrer à história da antropologia europeia para contribuir em quebrar o isolamento dos antropólogos vertidos na análise da conversação, isolamento que, em França, já tende em pertencer ao passado, como atesta por exemplo o Grupo *LInguistique Anthropologique et Sociolinguistique* (LIAS / EHESS – CNRS)² ou o *Centre d'Étude des Mouvements Sociaux* (EHESS)³, mas que parece continuar a vigorar em Portugal.

É construindo pontes e estabelecendo conexões com os trabalhos de um dos principais fundadores europeus da antropologia, Marcel Mauss, que, neste subcapítulo, espero contribuir em inscrever a Análise da Conversação na agenda investigativa dos antropólogos e sociólogos portugueses.

Marcel Mauss: a delimitação do campo de estudo da etnografia

Filosofo e historiador das religiões por formação académica, Marcel Mauss (1872-1950) colaborou desde o início na fundação da escola sociológica francesa lado a lado com Émile Durkheim, ambos ligados por laços de parentesco. Durkheim reconheceu no seu sobrinho um importante membro da equipa constituída em torno da revista por ele dirigida, *L'Année Sociologique*, fundada em 1898. As influências mútuas são imensas, revestindo nomeadamente a forma de um artigo publicado em co-autoria em 1903, de uma importância considerável na economia das suas respectivas obras: *De quelques formes primitives de classification*.

Durkheimiano, Marcel Mauss define e orienta os seus trabalhos atentos aos detalhes dos comportamentos humanos como sociológicos, *i. e.* como integrando uma perspectiva totalizante empenhada em descrever e explicar a organização do todo social. Maussiano, Durkheim reconhece cada vez mais a etnografia como um dos principais pilares da sociologia. Desta influência mútua, resulta o entrecruzamento cerrado da antropologia e da sociologia que define a escola francesa.

² <http://ehess.anthropologielinguistique.fr/ethnopragmatique/accueil.html> e <http://ehess.anthropologielinguistique.fr/ethnopragmatique/qui-sommes-nous/chercheurs-du-lias/michel-de-fornel/linguistique-interactionnelle.html>

³ <http://cems.ehess.fr/document.php?id=1358>

Dois artigos podem servir de referência para apreender a dupla direcção exigida pelo desenvolvimento da sociologia/antropologia na perspectiva maussiana: 1) *La sociologie: objet et méthode* (1901), redigido em co-autoria com Paul Fauconnet, e 2) *Les techniques du corps*, datado de 1934.

O primeiro artigo, fundamental e decisivo na história das ciências sociais, define o objecto da sociologia, os factos sociais. O segundo constitui o corpo e os seus usos como objecto de um estudo sociológico/antropológico. A dupla leitura destes dois artigos permite esclarecer a riqueza e a profunda coerência da obra de Marcel Mauss, e desenhar um quadro teórico e metodológico inquestionavelmente antropológico/sociológico vocacionado e habilitado a acolher o estudo micro-etnográfico da fala-em-interacção.

A constituição da ciência dos factos sociais: objecto e método da sociologia (Mauss & Fauconnet, 1901)

O artigo de Mauss e Fauconnet (1971 [1901]) tem o valor de um texto constitucional que apela a uma leitura minuciosa. Vou me esforçar por limitar a presente exposição a uma síntese dos seus pontos essenciais do ponto de vista que é aqui o meu.

Oriunda da filosofia, como todas as ciências, a sociologia se autonomiza rompendo com ela, transferindo as suas construções no terreno da investigação empírica, sem necessitar de se justificar noutro plano do que o da ciência. Inversamente, os filósofos têm vocação a acompanhar e integrar os resultados das ciências, mas isso é um grande empreendimento que não afecta directamente o planeamento e o desenvolvimento das pesquisas (Mauss & Fauconnet, 1971: 6–7).

«*Princípio de toda a ciência*» (Mauss & Fauconnet, 1971: 7), a sociologia postula que os factos que passa a definir e construir como sociais são ordenados, determinados, por interligações causais inteligíveis susceptíveis de serem estudadas e formuladas como leis causais que dão conta de regularidades observadas entre fenómenos que pela sua co-ordenação se explicam uns pelos outros, formando uma «*ordem de factos nitidamente distintos dos tratados pelas outras ciências*» (Mauss & Fauconnet, 1971: 8).

Distinguir a ordem factual estudada pela sociologia do objecto da psicologia é uma tarefa primente para a necessária clarificação das fronteiras disciplinares que separam estas duas ciências dos comportamentos humanos. Este comum domínio de investigação recobre perspectivas disciplinares tão distintas que este se converteu frequentemente numa arena de controvérsias difíceis de sanear ou, no melhor dos casos, numa ignorância mútua assumida. Os encontros existiram e constituíram sempre, para ambas as ciências, momentos históricos. Mas tais convergências e articulações tiveram por pano de fundo divergências que Mauss e Fauconnet se empenharam em clarificar, tomando por alvo Gabriel Tarde. Rigor, clareza e firmeza são aqui mais do que nunca imperiosos: qualquer passo em falso na argumentação pode constituir uma ameaça de dissolução do projecto científico da sociologia.

A sociedade é composta por indivíduos. Os comportamentos humanos são comportamentos individuais. O estudo psicológico da natureza orgânica e psíquica do ser humano individual constitui uma abordagem científica legítima do comportamento humano. Este paradigma tende em isolar o indivíduo do seu contexto social, ignorando ou acordando uma importância menor ao estudo do mundo socialmente organizado que constitui o seu ambiente de vida. Os comportamentos são explicados em primeiro lugar por referência à organização e ao funcionamento da psique humana, considerada à luz desta perspectiva como independente da sociedade:

«Si l'homme isolé était concevable, on pourrait dire que [ces faits comportementaux] seraient ce qu'ils sont même en dehors de toute société».

(Mauss & Fauconnet, 1971: 9)

Mas mesmo se se admite a existência de uma base comportamental comum inerente à constituição biológica e psíquica de todos os homens, o etograma da humanidade apresenta uma diversidade considerável que não encontra a sua explicação no estudo psicológico do comportamento do indivíduo considerado isoladamente, cortado de qualquer meio social bem definido (Mauss & Fauconnet, 1971: 20 & 21). Tal estudo depara com uma massa imensa de factos escapando ao seu campo explicativo.

A grande diversidade dos padrões comportamentais humanos passíveis de serem inventariados encontra na sociologia um campo de estudo capaz de apurar as suas regularidades e de descrever e explicar a ordem da sua coordenação. O campo das

acções individuais possíveis face a outrem varia consoante laços cuja diversidade e definição social são constitutivas da organização de cada tipo de sociedade. Estes laços socialmente definidos organizam a noção de si como « pessoa »⁴ e os comportamentos de relação dentro das fronteiras de uma dada sociedade, tornando por exemplo obrigatórias a expressão de certas emoções em certas situações⁵ ou a adopção de padrões comportamentais definidos com determinadas pessoas ocupando certos lugares no sistema de parentesco (Mauss, 1971e: 148–161). Uma vez resituados nos seus respectivos quadros sociais, a massa de factos comportamentais variando até então desordenadamente evidencia regularidades e propriedades de ordem que comprovam a sua natureza social. O enfoque antropológico na diversidade dos comportamentos humanos observáveis desempenha assim um papel-chave na legitimação e fundamentação do projecto de uma sociologia como ciência autônoma, detentora de importantes chaves explicativas. O poder de descrição e de explicação da sociologia durkheimiana é posto à prova e validado no campo da antropologia.

«Dans tous les cas (...) on sent parfaitement que le groupe, foule ou société a vraiment une nature propre, qu'il détermine chez les individus certaines manières de sentir, de penser et d'agir, et que ces individus n'auraient ni les mêmes tendances, ni les mêmes habitudes, ni les mêmes préjugés, s'ils avaient vécu dans d'autres groupes humains».

(Mauss & Fauconnet, 1971: 10)

Os actos aparentemente os mais simples, uma tarefa laboral, por exemplo, e os sentimentos que parecem espontâneos, como o apego ao lucro ou o empreendedorismo, são na realidade o «*produto de uma cultura social*», i. e., inseparáveis da organização de um ambiente social particular, próprio a uma sociedade e a um dos seus estratos populacionais (Mauss & Fauconnet, 1971: 10)⁶.

As consciências dos sujeitos individuais não são ilhas ou fortalezas fechadas sobre si mesmas, mas sim se formam agindo, reagindo, interagindo entre si, dentro de um

⁴ Na China antiga, por exemplo, como documentou Marcel Granet, «*l'ordre des naissances, le rang et le jeu des classes sociales fixent les noms, la forme de vie de l'individu, sa "face" (...)*», escreve Mauss (1989c: 349), no seu famoso estudo de história social de uma categoria do espírito humano: o “Eu”.

⁵ Cf. Mauss, *L'expression obligatoire des sentiments: rituels oraux funéraires australiens* (1921) (Mauss, 1971e: 81–8).

⁶ Estes exemplos são os escolhidos pelos autores. O seu pendor anti-utilitarista, que se opõe abertamente ao psicologismo primário do liberalismo económico, pertence a uma linha de argumentação central na obra do futuro autor do *Essai sur le don* (Mauss, 1989a [1923-4]). Cf. Mauss & Fauconnet, 1971: 19.

sistema socialmente organizado de instituições interdependentes que simultaneamente habilita e constrange as acções dos sujeitos. Estas instituições que se organizam a um nível supra-individual, *i. e.* que escapam à esfera da acção voluntária de um indivíduo isolado, são de teor económico (o crédito, o juro, a moeda, etc.) ou jurídico, por exemplo. Entre estas formas institucionais que preexistem e sobrevivem ao nascimento e à morte do sujeito individual, Mauss e Fauconnet destacam a língua, que socializa e encultura a nossa mente, como atesta a seguinte citação, que antecipa a formulação da chamada hipótese Sapir-Whorf:

«(...) une langue n'est pas seulement un système de mots ; (...) elle implique une certaine manière de percevoir, d'analyser et de coordonner. Par conséquent, par la langue, ce sont les formes principales de notre pensée que la collectivité nous impose».

(Mauss & Fauconnet, 1971: 11)

Campo limitado(r) de acções possíveis, a sociedade impõe de fora aos indivíduos regras, prescritivas e proibitivas, a cumprir, sob pena de sanções: *« (...) excommunication ou mort, dommages-intérêts ou prison, mépris public, blâme, simple notation d'excentricité (...)»* (Mauss & Fauconnet, 1971: 15).

Estes padrões normativos de conduta (*habitudes collectives*), instituídos e preestabelecidos, são fixados em formulas imperiosas (regras de direito, maxims de moral, etc.) ou vigoram tacita mas não menos coercivamente (costumes), exercendo uma acção socializadora sobre os comportamentos dos indivíduos.

As mudanças ocorrem, mas consistem em modificações graduais de padrões instituídos pre-existentis mais do que na substituição brusca de uma ordem estabelecida por outra. Se a sociedade é um meio coercivo que sujeita os indivíduos a múltiplas normas e regras, estas, independentemente da fixidez da sua formulação, não são compreendidas nem aplicadas ao idêntico em todos os “momentos”. Mauss e Fauconnet não especificam a que escalas e unidades se referem precisamente como “momentos”. Mas este ponto se presta a uma leitura etnometodológica, em termos de incompletude das regras sociais, que abre o caminho a um estudo micro-analítico da sua complexão interactiva e conversacional em situações locais.

Depois de refutarem as tentativas de explicação dos factos sociais por estudos da psicologia individual socialmente descontextualizados, Mauss e Fauconnet abordam o debate metodológico travado por sociólogos e historiadores na viragem dos séculos XIX e XX, que opôs método “idiográfico” e método nomotético.

O método “idiográfico” privilegiado pelos historiadores da época consiste em documentar da forma mais exaustiva e crítica possível factos encarados na sua singularidade e contingência históricas, desconfiando das tentativas de extrapolação e generalização. Este “historicismo” reduz a ordem presente nos e entre os factos às relações de pura sucessão inerentes ao seu encadeamento cronológico, procedimento cuja cientificidade é questionada por Mauss e Fauconnet (1971: 23).

«Du moment que [les historiens] prétendent expliquer un fait unique par un autre fait unique, qu'ils n'admettent pas qu'il y ait entre les faits des liens nécessaires et constants, (...) l'explication historique, impuissante à faire comprendre les similitudes observées, l'est même à rendre compte d'un événement particulier ; elle n'offre à l'intelligence que des phénomènes inintelligibles parce qu'ils sont conçus comme singuliers, accidentels et arbitrairement enchaînés».

(Mauss & Fauconnet, 1971:23-4)

Por sua vez, o método nomotético, sem descuidar a recolha e a crítica das fontes documentais, procede a uma abordagem comparativa, que equivale a uma experimentação (Mauss & Fauconnet, 1971: 36), de factos construídos como comparáveis, oriundos de sociedades distantes no espaço e no tempo, localizados com base em traços e regularidades comuns, procurando formular as leis (*nomos*) causais gerais subjacentes a estas semelhanças, não redutíveis a causas particulares e contingentes.

O alcance geral dos conhecimentos a obter tem por base estudos tão detalhados e exatos como os dos historiadores e dos etnógrafos, duas disciplinas de quem *«a sociologia tem tudo a esperar (...)»* (Mauss & Fauconnet, 1971: 34), sob reserva de não se deixar prender nos impasses do método “idiográfico”. A sociologia não reduz os factos à sua singularidade histórica e datada:

«(...) une observation sociologique faite avec soin, un fait bien étudié, analysé dans son intégrité, perd presque toute date (...). Le fait social, scientifiquement décrit (...) cesse

d'appartenir en propre à tel ou tel pays, à telle ou telle époque. Il est pour ainsi dire placé, par la force de l'observation scientifique, hors du temps et hors de l'espace».

(Mauss & Fauconnet, 1971: 35)

Importa ler muito atentamente estas linhas que incidem sobre problemas científicos fundamentais. É o facto singular bem estudado, observado localmente e minuciosamente descrito, que mediante a sua análise permite a elaboração de um conhecimento de alcance geral, empiricamente fundamentado, das relações que ordenam os factos, e isso no caso estudado bem como noutros casos comparáveis, já estudados ou ainda por estudar. O estudo intensivo de um caso singular, bem localizado no tempo e no espaço, é o método que habilita o sociólogo a produzir um conhecimento de alcance geral. O êxito da sociologia nesta sua pretensão nomotética não é subordinado a um abandono dos estudos intensivos de casos singulares (Tarot, 2003: 21), bem ao contrário, como fazem questão de sublinhar Mauss e Fauconnet no movimento da sua argumentação dirigida contra o método “idiográfico”:

«On n'a pas besoin de connaître la date d'un fait social (...) pour s'en servir en sociologie, pourvu que l'on connaisse ses antécédents, ses concomitants, ses conséquents, en un mot tout le cadre social qui l'entoure».

(Mauss & Fauconnet, 1971: 34)

Estas palavras de Mauss, que consistem em declarar que conhecer a data de um facto não é estritamente necessário para proceder à sua análise sociológica, são, insisto, a resituar numa retórica argumentativa contra o método “idiográfico”. Etnógrafo, Mauss não defende uma abordagem sociohistoricamente descontextualizada dos factos sociais:

«Chaque fait cité sera toujours localisé (nom du village, de la famille, de l'individu observés) et daté ; donner toutes les circonstances de l'observation (...)».

«Pour être précise, une observation doit être complète : où, par qui, quand, comment, pourquoi se fait ou a été faite telle chose».

(Mauss, 1967: 10 & 21)

Os sociólogos, longe de se satisfazerem de causas généricas e vagas, desligadas dos factos, evidenciam a ordem das relações interligando os factos, com base, repito, em estudos detalhados e exatos.

Este ponto da argumentação de Mauss e Fauconnet é aqui importante na medida em que leva os autores a definir o campo observacional da sociologia, recusando a sua identificação como abordagem geral e distante da realidade colectiva: estudos detalhados de factos particulares, caracterizáveis como sociais, *i. e.* como solidários da organização social e como coagindo os indivíduos, não devem ser negligenciados (Mauss & Fauconnet, 1971: 24), mais ainda quando se considera que não há uma lei única e universal tida por explicando os fenómenos sociais, mas sim uma multiplicidade de leis de alcance mais ou menos geral (Mauss & Fauconnet, 1971:29).

«Expliquer, en sociologie, comme en toute science, c'est donc découvrir des lois plus ou moins fragmentaires, c'est-à-dire lier des faits définis suivant des rapports définis».

(Mauss & Fauconnet, 1971: 29)

Não fixado e encerrado uma vez por toda nas páginas de um manual de metodologia, o método sociológico, que *«(...) só se articula e se organiza à medida que a ciência progride»* (Mauss & Fauconnet, 1971: 30), segue no entanto determinadas regras.

A investigação sociológica começa por um primeiro trabalho de definição provisória do ou dos fenómenos em estudo, que passa por uma ruptura crítica com agrupamentos e separações factuais derivados de definições de senso comum. Formulando caracteres objectivamente observáveis nos fenómenos, a definição em compreensão rege a extensão dos conceitos guiando a listagem dos objectos empíricos que cabem na sua definição, fenómenos localizados e datados. Assim, definir o crime como *«(...) um acto que provoca uma reacção organizada da colectividade (...)»* leva o sociólogo *«(...) a reunir o que o vulgar separa, ou a distinguir o que o vulgar confunde»* (Mauss & Fauconnet, 1971: 31), num acto de construção teórica do seu objecto revestindo a forma de hipóteses refutáveis (Mauss & Fauconnet, 1971: 38), que incorporam observações factuais provisórias fruto de uma primeira revisão dos factos, observações e hipóteses que a investigação empírica tem por tarefa de pôr à prova metodicamente, com vista à sua refutação, correcção e/ou consolidação.

Para tal, salientam Mauss e Fauconnet, é preciso proceder a uma busca activa de factos susceptíveis de contrariar as nossas construções teóricas, importante regra metodológica seguida na investigação qualitativa em geral e na Análise da Conversação em particular (ten Have, 2005: 39).

«*Não existem factos brutos*» imediatamente dados a observar, «*(...) que poderíamos, por assim dizer, fotografar*» (Mauss & Fauconnet, 1971: 32). Os factos são metodicamente construídos, i. e. seleccionados, isolados, abstraídos, mediante a definição dos seus caracteres intrínsecos empiricamente observáveis. A omnisciência, a exaustividade, o saber total sobre tudo, a descrição integral de um só fenómeno, são fora do alcance das nossas ciências, que progridem por «*aproximações sempre mais cerradas dos fenómenos*» (Mauss & Fauconnet, 1971: 39) apoiadas em dados criteriosamente seleccionados.

Construídos, os fenómenos são também estabelecidos factualmente, quer dizer, documentados. A base de documentos reunidos para a fundamentação empírica das construções teóricas que pretendem formular as ligações que coordenam os factos exige uma crítica severa. Em apoio a esta sua posição, Mauss e Fauconnet citam o exemplo das comparações estatísticas, criticando estudos quantitativos em termos muito convergentes com Aaron Cicourel (1964) e Harold Garfinkel (1967):

«*Ces documents (...) doivent être examinés dans tous leurs détails, et il faut bien connaître les principes qui ont présidé à leur confection. Faute de précautions minutieuses, on risque d'aboutir à des données fausses : ainsi il est impossible d'utiliser les renseignements statistiques sur le suicide en Angleterre, car, dans ce pays, pour éviter les rigueurs de la loi, la plupart des suicides sont déclarés sous le nom de mort par suite de folie ; la statistique est ainsi viciée dans son fondement. Il faut (...) avoir le soin de réduire à des faits comparables les données d'origines diverses dont on dispose. Faute d'avoir ainsi procédé, beaucoup de travaux (...) contiennent de graves erreurs. (...) En effet, les statistiques sont fondées sur les codes, et les divers codes n'ont ni la même classification, ni la même nomenclature (...)*».

(Mauss & Fauconnet, 1971: 33)

«*Les concordances et les différences entre les faits constatés s'y expriment en chiffres. Mais les résultats de cette méthode sont loin d'être satisfaisants, car on y nomme des faits empruntés aux sociétés les plus diverses et les plus hétérogènes, et enregistrés dans des documents de valeur tout à fait inégale. On attache ainsi une excessive importance au*

nombre des expériences, des faits accumulés. On ne donne pas assez d'intérêt à la qualité de ces expériences (...)».

(Mauss & Fauconnet, 1971: 36–7)

Tendo em conta esta necessária crítica dos métodos quantitativos, Mauss e Fauconnet privilegiam os saberes qualitativos dos historiadores e dos etnógrafos, retendo como base metodológica da sociologia a «*indução metódica*» (Mauss & Fauconnet, 1971: 38) incidindo sobre estudos intensivos de casos (Mauss, 1967: 13), pertencentes a escalas espaciais e temporais variáveis, não precisadas por Mauss e Fauconnet.

Do ponto de vista que é aqui o meu, o da Análise da Conversação, tudo é de reter deste texto “constitucional” de Mauss e Fauconnet, que deixa no entanto por precisar duas questões, que o artigo de Mauss datado de 1934 sobre *Les techniques du corps* (Mauss, 1989c: 363–386) permite formular e equacionar.

A fala-em-interacção como técnica corporal (Mauss, 1934): inscrição da Análise da Conversação no campo de estudo da socio-antropologia maussiana

Será que microcomportamentos observáveis a uma escala micro-analítica são passíveis de serem constituídos como objectos de investigação sociológica ? Será que sequências de actos regidos (dentro de limites a precisar) por uma lógica de rendimento técnico são de natureza social ?

A segunda questão não é menos importante do que a primeira, que aparece ao leitor como imediatamente relevante para o empreendimento que é aqui o meu: ancorar a Análise da Conversação na área disciplinar da antropologia/sociologia. Para tal, proponho situar os comportamentos conversacionais inerentes à comunicação oral no campo do estudo socio-antropológico das técnicas corporais definido por Marcel Mauss, trilhando assim um dos mais importantes caminhos investigativos apontados por Mauss.

Falar é com efeito usar o primeiro e o mais natural dos instrumentos ou meios técnicos de acção humana: o corpo. A fala humana recorre a uma técnica corporal, em primeiro

lugar vocal, mas também mimico-facial, gestual e postural. Esta técnica vocal que assegura a produção sonora segmental (fonemas) e suprasegmental (entoações) dos enunciados orais varia de uma língua a outra, de uma sociedade a outra, e, no seu seio, de um grupo sociocultural a outro. Estas variações das técnicas vocais dos falares humanos acompanham e assinalam fronteiras que separam comunidades falantes, traçadas por divisões sociais, facto que, retomando uma linha de argumentação já encontrada e salientada como fundamental, comprova o carácter social da sua formação e da sua incorporação na prática individual da fala.

Com efeito, os comportamentos humanos precisam de ser abordados à luz de um duplo processo de socialização do individual e de individuação do social (Mauss & Fauconnet, 1971: 27), cujo estudo, sociológico, assenta, num sentido como no outro, na análise da organização do todo social. É nestes termos que Mauss define as técnicas corporais como objecto de estudo sociológico. E como já apontava o artigo conjunto de Mauss e Fauconnet, este duplo processo tem por exemplo paradigmático o da língua como norma-padrão socialmente imposta aos indivíduos e o da sua reapropriação situada no exercício individual da fala-em-interacção.

Esta socialização do falar individual é diferenciada de acordo com divisões sociais, de género ou de idade (Mauss, 1989c: 373–4), por exemplo, de tal modo que se revela heurístico estudar a interface da língua e do social à luz do conceito de variante sociolectal funcionando como conjunto definido de marcas de posição social, direcção de pesquisa que seguirá a sociolinguística variacionista laboviana (Labov, 1976).

Esta técnica vocal e conversacional, padronizada e codificada socialmente com muita precisão e de um modo coercivo, disciplina⁷ e habilita o falante individual a realizar metodicamente múltiplas acções e operações simbólicas em concertação com outrem, no decurso de uma sequência de actos e no quadro de uma interacção metodicamente organizadas. A Análise da Conversação etnometodológica tem por objecto de estudo esta técnica vocal de organização metodica das acções concertadas nas mais variadas situações da vida quotidiana dos membros de uma sociedade.

A dimensão moral das acções simbólicas operadas pelas técnicas corporais é sublinhada por Mauss, numa análise que prefigura o estudo conversacional da cortesia verbal, do

⁷ «Il y a dans tout l'ensemble de la vie en groupe une espèce d'éducation des mouvements en rang serré», observa Mauss (1989c: 384), esboçando uma análise que será retomada e aprofundada por Michel Foucault (1975: 137–151).

trabalho de figuração (*Face Work*) e dos *Face Threatening Acts* (Brown & S. Levinson, 1987):

«Ainsi nous attribuerons des valeurs différentes au fait de regarder fixement : symbole de politesse à l'armée, et d'impolitesse dans la vie courante».

(Mauss, 1989c: 372)

Atento ao concreto dos comportamentos e das vivências⁸, Mauss define um novo campo de estudos consistindo numa descrição e análise micro-etnográficas dos detalhes comportamentais das maneiras de agir e da habilidade prática inerente às técnicas corporais eficazes:

«Et voilà un nouveau champ d'études : des foules de détails inobservés et dont il faut faire l'observation (...)».

(Mauss, 1989c: 375)

Estes modos de agir não obedecem apenas a convenções sociais arbitrárias que se difundiriam por imitação no espaço de uma dada sociedade em virtude do estatuto social dos seus primeiros adeptos.

Se desenvolvem e difundem em virtude do seu rendimento, da sua eficácia técnica (Mauss, 1989c: 12, 370 & 374–5; Cresswell, 2003: 36). Este ponto é importante: permite esclarecer a presença de técnicas semelhantes em sociedades afastadas umas das outras no espaço e no tempo. Em condições técnicas semelhantes, é a mesma *«série de actos montados»* (Mauss, 1989c: 372) que tende a surgir e a difundir nas diversas sociedades, em virtude da sua maior eficácia técnica (Leroi-Gourhan, 1964).

O falar-em-interacção se realiza em condições técnicas semelhantes em todas as sociedades, o que contribuiria a explicar as fortes semelhanças da “maquinaria” da conversação (Sacks, 1995) apuradas pelos micro-etnógrafos e analistas da conversação (Moerman, 1996). As leis da acústica, por exemplo, idênticas em todas as sociedades, tornam contra-producentes as sobreposições de fala, tendencialmente inaudíveis, o que

⁸ Postura face ao concreto dos mundos vivenciados que será retomada pela sociologia fenomenológica. Cf. Tarot, 2003: 104.

muito provavelmente explica a presença atestada de um sistema de alternância de vezes em todas as culturas e línguas estudadas.

Mas a observação destas tendências convergentes geradoras de montagens técnicas semelhantes obedecendo a uma lógica técnica definida como extra-social (no sentido em que as leis da acústica acima mencionadas não são decretadas socialmente) não leva a situar as trocas conversacionais fora do social, nem o seu estudo fora do domínio de investigação da socio-antropologia, por razões que importa clarificar:

- 1) Estas tendências técnicas não determinam em todos os seus aspectos o sistema das técnicas conversacionais de cada sociedade. Certos destes aspectos, como as formas de trato ou, mais fundamental ainda, as acções realizáveis pela linguagem a partir de uma posição ocupada numa dada situação, correlados à organização social e política, variam de sociedade para sociedade;
- 2) Tecnologia da ordem interaccional, trata-se de técnicas de produção de acções e operações simbólicas auto-referenciais que definem uma situação social e realizam passo a passo o desenrolar metodico de acontecimentos sociais;
- 3) Estas técnicas de organização metodica de sequências de actos integrando acções socialmente concertadas coagem os comportamentos (Mauss & Hubert, 1989 [1902-3]: 11; Schegloff, 1968: 1086);
- 4) A competência comunicativa (Hymes, 1991) exigida pelo manuseamento situacionalmente apropriado destas técnicas conversacionais é inseparável de expectativas normativas impostas de cima e de fora pela sociedade, que fixa para cada situação o que todos devem saber e aprender fazer (Mauss, 1989c: 369 & 384);
- 5) As técnicas conversacionais são adquiridas por enculturação, transmitidas por socialização (Ochs & Schieffelin, 1996);
- 6) As operações simbólicas desta tecnologia conversacional reproduzem ou alteram localmente representações da ordem do todo social (Mauss & Fauconnet, 1971: 27);
- 7) Longe de virar as costas ao social, o estudo destas técnicas conversacionais permite evidenciar um primeiro nível, microscópico, de entrecruzamento do social e do vasto conjunto das técnicas instrumentais agindo sobre a matéria (Guille-Escuret, 2003: 107), na interface da cultura e da natureza, mediante o estudo intensivo caso a caso do(s) sistema(s) interaccion(al)(ais) inerente(s) à ou

às cadeias operatórias de processos produtivos precisos. O entrecruzamento das acções verbais e das acções não verbais reveste a forma de um entrecruzamento de técnicas vocais e motores performando sequências de acções sociotécnicas cuja organização metodica informa sobre a organização do ambiente sociotécnico dentro do qual e sobre o qual operam. A prática técnica se organiza de acordo com a própria organização do sistema interaccional que a produz; inversamente, como nota François Sigaut, a morfologia da sociedade e dos grupos se adequa a uma organização racional do trabalho que tem por base a eficácia técnica, *i. e.* a capacidade a produzir o efeito pretendido a um custo cada vez mais reduzido (Sigaut, 2003: 9–13); a resultante destes dois processos de adaptação do técnico ao social e do social ao técnico é um sistema sociotécnico susceptível de formar um nicho ecológico particular que altera as técnicas conversacionais vulgarmente usadas noutros ambientes da sociedade à sua volta. As cadeias operatórias das prestações de serviço do vasto sector terciário são a um mais elevado grau ainda compostas por sistemas interaccionais entre agentes humanos funcionando sob a alçada desta tecnologia conversacional, em muitos casos na interface da oralidade e da escrita;

- 8) Os produtos multitecnológicos (entrecruzamento das técnicas conversacionais e das técnicas instrumentais da informação e da matéria) integram processos globais de (re)produção da sociedade e da sua ordem, o que corresponde a um segundo nível, macroscópico, de imbricação do facto social total e das técnicas (Guille-Escuret, 2003: 108).

O estudo da produção e reprodução da ordem social exige o estudo das técnicas instrumentais, entre as quais constam as técnicas do primeiro e mais natural dos instrumentos: o corpo. A voz, instrumentalizada mediante técnicas vocais e métodos conversacionais a estudar, é um meio de produção de um vasto leque de acções concertadas observáveis a uma escala situacional.

O alcance de uma tecnologia cultural oriunda da obra e do ensino de Marcel Mauss é considerável:

«(...) plus qu'un accompagnement, la technique est aussi un élément fondateur de la société, quelque chose qui la constitue et la conditionne, qui la répète et la façonne. Dans cette acception, la technique va devenir pour Mauss le nom métonymique de la société».

(Schlanger, 1991*: 4)

A etnometodologia é em larga medida uma reelaboração deste programa investigativo, inscrito no cerne do projecto científico da antropologia/sociologia por um dos seus mais principais fundadores: Marcel Mauss.

A Análise da Conversação é o estudo detalhado e sistemático das técnicas e dos etnométodos de produção da ordem social nas e pelas trocas conversacionais, parte integrante da sociologia duplamente articulada, e detalhada e totalizante, definida por Mauss.

As instruções metodológicas de Marcel Mauss, consignadas nomeadamente no seu *Manual de etnografia* (1967 [1947]), que contém o ensino (1926-1939, *Institut d'Ethnologie* da Universidade de Paris) que formou a primeira geração de etnógrafos franceses, *i. e.* de inquiridores de terreno, continuam válidas, sendo seguidas pelos análistas da conversação.

Praticando o inquérito de terreno (Mauss, 1967: 9), o etnógrafo privilegia a observação naturalista, evitando interferir pela sua inquirição (Mauss, 1967: 21) no normal desenrolar de interações que pretende compreender de perto e de dentro, de acordo com uma perspectiva emica (1967: 210):

«C'est (...) en voyant comment l'homme se comporte à l'église, au marché, au théâtre, au prétoire, que se font au mieux les sociologies spéciales».

(Mauss, 1971a: 59)

Esta observação naturalista do comportamento situado deve revestir a forma de uma descrição detalhada a mais completa possível, com o concurso de técnicas auxiliares de registo, sempre que possível:

«Une précision absolue est indispensable dans l'observation des techniques».

(Mauss, 1967: 29)

«On entreprendra l'étude des rites à partir des faits les plus aisément observables, par la description de tout ce qui peut être décrit. Travail complexe, souvent très difficile (...). Pour décrire et transcrire, on s'aidra du dessin, de la photo, du cinéma. (...) Enfin, il faut voir tout le détail: l'officiant s'est servi de sa main droite et non de sa main gauche (...). Tout a une signification, le silence même est un signe».

(Mauss, 1967: 238)

O detalhe é digno de registo pelo seu valor significativo, no duplo plano do encadeamento de actos constitutivo do curso de acção observado e do sistema simbólico que integra os diversos pormenores da acção numa representação da ordem social local e global.

A oralidade é abordada por Mauss à luz de uma distinção que se sujeita a leituras potencialmente redutoras, entre eficácia simbólica e eficácia técnica, entre manipulação ritual de símbolos e manuseamento das técnicas (Mauss, 1989c: 370–1). Motivado simbolicamente e racionalizado tecnicamente, ritos e técnicas, que se combinam na acção em graus culturalmente variáveis, são ambos eficazes, insiste Mauss, trilhando uma pista que o levou a descobrir a eficácia (que proponho considerar técnica e simbólica) de acções conversacionais metodicamente organizadas. Ao estudar os ritos, Mauss se interessa com efeito de perto pelas práticas orais dos interactantes, *i. e.* pelo exercício da fala-em-interacção repleto de técnicas eficazes para ordenar, coordenar e performar a acção ritual, descobrindo a dimensão accional da linguagem efectivada pelas técnicas da conversação:

«(...) le langage (...) apparaît comme chose immédiatement d'action autant que de pensée, plus même peut-être».

(Mauss, 1971a: 54)

A importância por ele acordada à oralidade é patente no plano terminológico: Mauss fala de “ritos orais”, salientando que não existem ritos mudos (Mauss & Hubert, 1989: 50) e acrescentando:

«(...) tout rite est une espèce de langage».

(Mauss & Hubert, 1989: 53)

Neste quadro teórico e metodológico, que o leva a reconhecer «*o papel de ciência piloto da linguística das ciências sociais*» (Tarot, 2003: 103), Mauss acumula observações e análises heurísticas, que serão retomadas e desenvolvidas pelos analistas da conversação. Alguns exemplos:

- 1) Mauss se interessou pela performatividade dos ritos orais (Mauss, 1967: 241; Mauss & Hubert, 1989: 11);
- 2) Mauss se aproxima de uma definição austiniana (Austin, 1991) da formula ritual performativa como um enunciado que faz o que diz ao dizer o que faz (Mauss, 1967: 242; Mauss & Hubert, 1989: 48);
- 3) Como já indiquei, Mauss e Hubert descobriram as relações de condicionamento mutuo que ligam entre si os actos na interacção conversacional (Mauss & Hubert, 1989: 11);
- 4) Ao observar que no curso de uma acção ritual o silêncio pode valer como um signo e a inacção como acção (Mauss, 1967: 238 & 237), Mauss está a um passo de descobrir que os actos que se condicionam mutuamente se encadeiam uns aos outros formando sequências ordenadas de *slots* ou nanocontextos de valor accional definido;
- 5) Mauss e Hubert chamaram a atenção dos investigadores sobre a importância da entoação, que pode superar a da palavra (Mauss & Hubert, 1989: 51);
- 6) Mauss notou a multicanalidade da comunicação, aconselhando o etnógrafo a sempre anotar o “ritual manual” que acompanha uma oração (Mauss, 1967: 242).

Com vista a possibilitar a descrição do seu desenrolar (Leroi-Gourhan, 1983: 63) mediante a decomposição analítica das acções em «*séries de actos montados*» e intersincronizados (Mauss, 1967: 238), Marcel Mauss apela, como já mencionei, a uma «*precisão absoluta*» na observação, que pode e deve recorrer ao auxílio de técnicas de registo gráfico (desenhos), fotográfico, fonográfico (gravações áudio) e cinematográfico (filmagens):

«(...) le métier à tisser est incompréhensible sans documents montrant son fonctionnement».

(Mauss, 1967: 17)

Coleccionar e arquivar registos documentais constitui uma ambição museográfica que anima de dentro a etnografia, sublinha Mauss (1967: 16), e que potencia um redesenho do processo investigativo consistindo em dissociar as fases de registo e de análise:

«Cette méthode donne des documents à l'état brut susceptibles d'étude à loisir dans un cabinet».

(Mauss, 1967: 9)

Esta análise a posteriori, tornada possível pelas técnicas auxiliares de registo documental, constitui uma vantagem insubstituível, como sublinhou Jean Rouch, acerca do filme etnográfico, num excelente texto datado de 1968, que faz explicitamente referência ao Marcel Mauss:

«la projection du film (qui peut être faite au ralenti), permet à l'ethnologue de revoir indéfiniment, s'il le souhaite, le même rituel, le même geste, la même attitude ; la réalité fuyante est immobilisée dans le temps et demeure en quelque sorte à la disposition de l'enquêteur».

(Rouch, 1968: 464)

Com esta análise a posteriori de registos documentais de acções situadas e das suas técnicas comportamentais, estamos no domínio da micro-etnografia e da Análise da Conversação. Uma citação atestará que esta direcção de pesquisa era perfilhada por Marcel Mauss:

«Regardons-nous en ce moment nous-mêmes. Tout en nous tous se commande. Je suis en conférencier avec vous ; vous le voyez à ma posture assise et à ma voix, et vous m'écoutez assis et en silence».

(Mauss, 1989c: 372)

«Ao afirmar o valor crucial, para as ciências do homem, de um estudo do modo como cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado do seu corpo, Mauss anuncia as mais actuais preocupações da Escola antropológica americana (...). Esta investigação sobre a projecção do social sobre o individual deve pesquisar ao nível mais profundo dos usos e das condutas (...)», escreve Claude Lévi-Strauss em 1950 na sua famosa *Introdução à obra de Marcel Mauss* (Lévi-Strauss, 1989: XI), num parágrafo onde a seguir selecciona citações de Mauss já aqui apresentadas, que convidam a uma micro-análise etnográfica dos detalhes dos comportamentos, direcção de pesquisa seguida pelos antropólogos e sociólogos americanos, explicando o surgimento no seu seio da Análise da Conversação, movimento investigativo que será retratado nos subcapítulos seguintes.

Antes de dar por encerrado o presente subcapítulo, é preciso ainda mencionar e enfatizar outro contributo fundamental de Marcel Mauss. Na sua obra prima, o *Ensaio sobre a dádiva* (Mauss, 1989a [1923-4]), «novum organum das ciências sociais do século XX» (Lévi-Strauss, 1989: XXXVII), Mauss sustenta que «a troca é o comum denominador de um grande número de actividades sociais aparentemente heterogeneas» (Lévi-Strauss, *Op. Cit.*), troca regida pela lógica ternária da dádiva (dar, receber e retribuir), cujo estudo levou Mauss a criticar a visão simplista da economia utilitarista, numa análise que não perdeu a sua actualidade (Caillé, 2009).

Esta análise encontra nas interacções conversacionais um domínio privilegiado de aplicação, como salientou Adriano Duarte Rodrigues (2001: 171 & 176–9), considerando, no prolongamento de Oswald Ducrot, que a lógica maussiana da dádiva e da contradádiva «(...) se manifesta de maneira pura na interacção discursiva (...)» (Rodrigues, 2001: 177).

Na tríplice obrigação de dar, receber e retribuir em que assenta a dinâmica das trocas de palavras, está em jogo o mútuo reconhecimento dos parceiros da comunicação (Binet & Freitas, 2010: 294-5). A Análise da Conversação valida no terreno da investigação empírica, mediante um estudo detalhado das condutas observáveis em interacções discursivas autênticas, que se inscreve numa importante direcção de pesquisa trilhada

por Marcel Mauss, a presença efectiva da lógica da dádiva na economia das trocas conversacionais.

Michel G. J. Binet

GIID-CLUNL

Nov. 2011

Bibliografia

- Austin, J., 1991. *Quand dire, c'est faire*, Paris: Seuil.
- Binet, M. & Freitas, T., 2010. A ritualização das aberturas conversacionais: a “pergunta-dádiva” Está(s) bom? In T. Freitas, ed. *Estudos de Corpora. Da teoria à prática*. Lisboa: Colibri, pp. 289-304.
- Brown, P. & Levinson, S., 1987. *Politeness. Some universals in language use*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Caillé, A., 2009. *Théorie anti-utilitariste de l'action: fragments d'une sociologie générale*, Paris: La Découverte.
- Cicourel, A., 1964. *Method and measurement in sociology*, New York: Free Press.
- Cresswell, R., 2003. Geste technique, fait social total. Le technique est-il dans le social ou face à lui ? *Techniques & Culture*, 40, pp.1-76.
- Foucault, M., 1975. *Surveiller et punir. Naissance de la prison*, Paris: Gallimard.
- Garfinkel, H., 1967. *Studies in Ethnomethodology*, Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Guille-Escuret, G., 2003. Efficacité technique, efficacité sociale. Le technique est-il dans le social ou face à lui ? *Techniques & Culture*, 40, pp.1-113.
- ten Have, P., 2005. *Doing Conversation Analysis. A Practical Guide*, London: Sage.
- Hymes, D., 1991. *Vers la compétence de communication*, Paris: Hatier - Didier.
- Labov, W., 1976. *Sociolinguistique*, Paris: Minuit.
- Leroi-Gourhan, A., 1983. *Le fil du temps*, Paris: Fayard.
- Leroi-Gourhan, A., 1964. *Le geste et la parole (2 Vol.)*, Paris: Albin Michel.
- Lévi-Strauss, C., 1989. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss. In *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, p. IX-LII.

- Mauss, M., 1989a. Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques (1923-1924). In *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, pp. 143-279.
- Mauss, M., 1971. *Essais de sociologie*, Paris: Seuil.
- Mauss, M., 1967. *Manuel d'ethnographie (1947)*, Paris: Payot.
- Mauss, M., 1989b. *Sociologie et anthropologie*, Paris: PUF.
- Mauss, M. & Fauconnet, P., 1971. La sociologie: objet et méthode (1901). In *Essais de sociologie*. Paris: Seuil, pp. 6-41.
- Mauss, M. & Hubert, H., 1989. Esquisse d'une théorie générale de la magie (1902-3). In *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, pp. 1-141.
- Moerman, M., 1996. *Talking Culture. Ethnography and Conversation Analysis* 4th ed., Philadelphia, USA: University of Pennsylvania Press.
- Ochs, E. & Schieffelin, B.B., 1996. The microgenesis of competence: Methodology in language socialization. In D. I. Slobin et al., eds. *Social Interaction, Social Context and Language. Essays in Honor of Susan Ervin-Tripp*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, pp. 251-264.
- Rodrigues, A.D., 2001. *A Partitura Invisível. Para a abordagem interactiva da linguagem*, Lisboa: Colibri.
- Rouch, J., 1968. Le film ethnographique. In J. Poirier, ed. *Ethnologie générale*. Paris: Gallimard - Encyclopédie de la Pléiade, pp. 429-471.
- Sacks, H., 1995. *Lectures on conversation*, Oxford: Blackwell.
- Schegloff, E., 1968. Sequencing in Conversational Openings. *American Anthropologist*, 70(6), pp.1075-1095.
- Schlanger, N., 1991. Le fait technique total: La raison pratique et les raisons de la pratique dans l'œuvre de Marcel Mauss. *Terrain*, 16, pp.114-130.
- Sigaut, F., 2003. La formule de Mauss. *Techniques & Culture*, 40, pp.1-25.
- Tarot, C., 2003. *Sociologie et anthropologie de Marcel Mauss*, Paris: La Découverte.